

ANA NOGUEIRA BATISTA: UMA ESCRITORA CEARENSE DE ALMA ENAMORADA, MAS QUE SOFREU OSTRACISMO LITERÁRIO

ANA NOGUEIRA BATISTA: A FEMALE WRITER FROM CEARÁ WITH AN ENAMOURED SOUL, BUT WHO WHO SUFFERED A LITERARY OSTRACISM

Maria do Socorro Pinheiroⁱ

Resumo: Este artigo discute a produção literária de autoria feminina, tomando como estudo a poesia de uma escritora cearense que foi ostracizada, com o passar do tempo, pela historiografia e pelo cânone literário brasileiros: Ana Nogueira Batista. Tem como objetivo dar visibilidade à produção literária dela e analisar três poemas seus, evidenciando aspectos estilísticos e literários próprios da autora, a partir de uma abordagem interpretativa. Para tanto, elaboramos uma metodologia que consistiu primeiramente no levantamento da fortuna crítica dessa poetisa em estudo, depois na leitura e discussão de textos, de modo a nos possibilitar a interpretação de seus poemas. Posto isto, nosso constructo teórico adotou como base os estudos de Castro (2019), Schumacher (2000), Macedo (2014) e Barreira (1948), que nos ofereceram aspectos importantes sobre a vida de Ana Nogueira Batista; dialogamos também com Bosi (2015), Del Priore (2013), Xavier (1998) e Pinheiro (2021), que nos ajudaram a discutir, no âmbito da escrita, a complexa realidade que constitui o fazer literário de autoria feminina.

Palavras-chave: Poesia; Autoria Feminina; Ana Nogueira Batista.

Abstract: *This article discusses the literary production of female authors, studying the poetry of a female writer from Ceará who was ostracized over time by Brazilian historiography and literary canon: Ana Nogueira Batista. Its aim is to give visibility to the literary production of hers and to analyze three of her poems, highlighting their stylistic and literary aspects from an interpretative approach. To this end, we developed a methodology that consisted firstly of surveying the critical fortune of this poetess, then reading and discussing texts in order to enable us to interpret her poems. This way, our theoretical framework was based on the studies of Castro (2019), Schumacher (2000), Macedo (2014) and Barreira (1948), who provided us with important aspects of Ana Nogueira Batista's life; we also dialogued with Bosi (2015), Del Priore (2013), Xavier (1998) and Pinheiro (2021), who helped us to discuss the complex reality of female authorship in the context of writing.*

Keywords: Poetry; Female Authorship; Ana Nogueira Batista.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Pós-Doutora em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Doutora em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Curso de Letras da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu FECLI/UECE e do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras MIHL/UECE. E-mail: socorro.pinheiro@uece.br.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No campo da pesquisa, duas temáticas sempre nos atraíram muito: a autoria feminina e a poesia, por encontrar em ambas um material que não se esgota. A autoria feminina nos coloca diante de questões históricas, sociais, filosóficas e de gênero, permitindo-nos refletir sobre o lugar social da mulher. A poesia, seja qual for sua temática e forma, nos oferece um saber que, pelo seu modo de operação com a linguagem, não o encontramos em outro lugar. São objetos de estudo com muita ou pouca fonte bibliográfica e que nem sempre é suficiente para interpretar a obra, a depender das conjecturas que fazemos.

Como escreveu Bosi em seu texto “Formações ideológicas na cultura brasileira”, em *Entre a Literatura e a História* (2015, p. 243), “[...] toda escolha tem uma história. Uma história que não é só pessoal, mas tem a ver com o *ethos* de uma geração que compartilhou durante algum tempo as mesmas perplexidades no plano das ideias e no plano dos valores”. Em consonância com esta afirmação de Bosi, ao observar a galeria de escritoras nordestinas esquecidas pela historiografia e/ou pelo cânone literário, fizemos nossa escolha, que também tem uma história ligada a nossas pesquisas sobre a autoria feminina. O interesse é pessoal, social e político, uma tentativa de se fazer justiça histórica a uma geração de mulheres que tiveram suas histórias atravessadas por lutas e conquistas, mas que, por infortúnio, foram ofuscadas com o passar do tempo.

Olhar para o passado é uma oportunidade de revisitá-lo e de refletir sobre alguns acontecimentos culturais e históricos ligados à vida de muitas mulheres. Um deles, e sobre o qual nos propomos a tratar neste artigo, é o grande contingente de escritoras que foram obliteradas em nosso país como ocorreu com a cearense Ana Nogueira Batista – apesar de ela ter sido atuante no cenário literário de sua época e de ter colaborado com uma das agremiações cearenses mais importantes do século XIX, a Padaria Espiritual, que circulou de julho de 1892 a outubro de 1898.

Este estudo – uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza básica e de objetivo exploratório –, tem como cerne dar visibilidade à poesia de Ana Nogueira Batista, mostrando, por meio da análise de três poemas seus, os aspectos estilísticos e literários que constituem sua poética.

Para uma melhor sistematização do conteúdo que aqui expomos, este trabalho está dividido em três partes que dialogam entre si e se retroalimentam: o Percurso Metodológico, o Marco Teórico e os Resultados e Discussão.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

Para a construção deste texto sobre Ana Nogueira Batista, fomos inicialmente pesquisar sua fortuna crítica. Presumíamos não encontrar muitas informações sobre a escritora nos manuais e historiografias da Literatura Cearense, como de fato se confirmou, pois ainda há uma produção literária de autoria feminina no Ceará que continua invisibilizada, chegando apenas às mãos de pouquíssimas/os pesquisadoras/es que se dedicam a esse campo de estudo.

É importante registrar o projeto de Iniciação Científica IC/UECE “A Literatura Cearense de Autoria Feminina”, uma continuação do projeto “Poesia Cearense de Autoria Feminina”, sob nossa coordenação desde 2016, que trata sobre a produção literária de mulheres no Ceará a partir do século XIX. Realizamos um mapeamento para saber aproximadamente quantas e quem são as que escrevem poesia nesse *locus*; contabilizamos em torno de 253 mulheres em diferentes regiões do estado. Isto mostra que elas sempre escreveram, mas são poucas/os as/os leitoras/es que têm acesso a seus textos.

Destacamos algumas pesquisas que foram valiosas e necessárias sobre a autora em estudo. Começamos pelo historiador Dolor Barreira em *História da Literatura Cearense* (1948), que fez referência a Ana Nogueira entre os colaboradores da revista *A Quinzena*. Outro estudioso da Literatura, Sânzio de Azevedo, em *A Breve História da Padaria Espiritual* (2011), mencionou a poetisa como esposa de Sabino Batista e nada mais acrescentou. Carla Castro, exímia pesquisadora e estudiosa da obra de Ana Nogueira Batista – que consultou o *Dicionário da Literatura Cearense* de Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa, publicado em 1987 – afirma que há uma referência sobre as “Mulheres Escritoras” feita por Antônio Sales, poeta e idealizador da Padaria Espiritual, destacando:

[...] surgiu um estro delicado, de um feitio artístico bem acentuado, o de Ana Nogueira, que há longos anos emudeceu, tendo deixado, porém, alguns atestados eloquentes da sua inspiração e do seu bom gosto (Girão; Souza, 1987, p. 18).

Com os estudos de Carla Castro¹, nos deparamos com informações mais detalhadas sobre a vida e a obra de Ana Nogueira Batista. O texto “Tens asas como as aves e falenas” (1990), de Luzilá Gonçalves Ferreira, e *O Dicionário Mulheres do Brasil* (2000), de Schumacher, também nos dão notícias de traços biográficos da autora e de sua escrita em jornais

¹ O resultado se encontra na obra *Resquícios de memórias: Dicionário bibliográfico de escritoras e ilustres cearenses do século XIX* (2019) e na sua dissertação “A escrita feminina cearense do século XIX: uma perspectiva de análise da poesia de Ana Nogueira e Francisca Clotilde”, de 2021 (Nota da Autora).

e revistas. Os textos “Literatura Feminina Cearense” (2014), de Dimas Macedo, e “A mulher na literatura cearense” (2010), de Batista de Lima, citam o nome de Ana Nogueira entre uma miríade de escritoras. Outros materiais foram consultados, como a antologia *A poesia cearense no século XX* (1996), de Assis Brasil, mas não encontramos referências ao seu nome.

Tendo esses pesquisadores acima citados como faróis, conseguimos visualizar Ana Nogueira Batista e esperamos contribuir para desencastelar seu nome das névoas do esquecimento. Destarte, ato seguido, apresentamos esta escritora singular e sua obra plural.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Ana Nogueira Batista, pelas páginas de jornais e revistas

O Ceará, no final do século XIX, vivia um processo de modernização e agitação intelectual espelhado em jornais e revistas literárias que tinham a colaboração de algumas mulheres que não ficaram somente no “ergástulo do lar”. Ajustamos nossas lentes para Ana Nogueira Batista, que nasceu no dia 22 de outubro de 1870, em Icó, uma das cidades mais antigas do estado do Ceará e “[...] uma das primeiras cidades no Brasil a libertar-se do trabalho escravo” (Schumacher, 2000, p. 61). Seus pais João Nogueira Rabello e Thereza de Albuquerque Mello Nogueira Rabello deram-lhe uma boa educação, cuja repercussão foi verificada positivamente *a posteriori*, em suas atividades sociais, literárias e em seus posicionamentos políticos.

Desde cedo, ela demonstrou interesse pela leitura. Aos nove anos, sabia ler em francês e era solicitada como intérprete para os viajantes que passavam por sua região. Além disso, a menina gostava de escrever e participava de festas comemorativas declamando seus versos, como aconteceu na campanha abolicionista, por ocasião de seus festejos. A família de Ana Nogueira Batista era envolvida nas questões políticas e sociais da época. Seu pai, deputado provincial, e sua madrastra Joaquina participavam ativamente da causa abolicionista. Foi nesse meio intelectual e político que Ana Nogueira cresceu entre livros, causas sociais e discursos acalorados.

Ao se mudar para Fortaleza no final da década de 1880, começou a frequentar as rodas literárias, a participar de movimentos culturais, a colaborar em jornais do Ceará e de outras províncias e a escrever em revistas, expressando sua veia poética. Foi uma mulher atuante, criativa e decidida. Não ficou presa à epistemologia do lar como único espaço reservado a ela. Não se deixou ser sucumbida pelas regras sociais estabelecidas pelo sistema patriarcal, que via

o enclausuramento do lar como espaço natural ao feminino. Ela deu ênfase à leitura, à escrita e à docência, pois nesse trinômio se podia reconhecer o caminho da liberdade para as mulheres (pequeno burguesas, principalmente) naqueles idos.

No entanto, lembra-nos hooks (2020) que mulher trabalhando nem sempre se livra da discriminação de gênero e da dominação masculina. Essa constatação valia então e segue válida hoje, atualizada e cada vez mais “normatizada” a partir dos seguidos casos de misoginia no ambiente/espaço laboral que acontecem frequentemente em todos os rincões do país. A experiência da mulher com o ofício da escrita, de se fazer escritora, a colocou numa condição de rompimento de uma estrutura cultural de aprisionamentos.

Segundo Del Priore (2011, p. 408):

Como a cultura e os textos subordinam e aprisionam, as mulheres, antes de tentarem a pena cuidadosamente mantida fora de seu alcance, precisaram escapar dos textos masculinos que as definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade, como sonho e devaneio, e tiveram que adquirir alguma autonomia para propor alternativas à autoridade que as aprisionava.

A autoridade em tela era um sistema muito bem articulado de supremacia masculina para subjugar a mulher. Gilka Machado, escritora carioca, que também ficou no limbo do esquecimento por muito tempo, expressa no poema “Ser Mulher” a condição feminina, nos versos: “[...] oh! Atroz, tantálica tristeza! Ficar na vida qual uma águia inerte, presa nos pesados grilhões dos preceitos sociais!” (Machado, 1991, p. 106). Era uma realidade de negação que a mulher vivia, intensificada por questões de raça e classe, como aponta Davis (2016).

Para Del Priore (2013, p. 19), a mulher que estivesse fora dos papéis tradicionais era uma promessa de flagelo. O propósito devia ser o de casar-se, ter filhos e cuidar da família. Tal retrato é visto por Xavier (1998, p. 33) como “[...] modelo hierárquico, baseado na desigualdade e na diferença de privilégios entre seus membros”. Para se sair do espaço doméstico e migrar para o público, tendo acesso a outro mundo que permitisse às mulheres outras experiências, era preciso fazer sutis manobras para enfrentar os ditames impostos pela sociedade e desafiar os costumes, mas muitas delas tiveram disposição para tal intento.

Seguindo o itinerário de Ana Nogueira Batista, seu casamento aconteceu em 1896, aos 26 anos, com Manuel Sabino Batista – o Satyro Alegrete, poeta e jornalista paraibano, um dos fundadores do movimento literário “A Padaria Espiritual”. Depois de três anos de casada, ficou viúva, com dois filhos pequenos e grávida de uma menina que morreu com apenas dez meses. As mortes do marido e da filha abalaram sua vida; passou a criar os filhos sozinha sem estrutura financeira. Contudo, amigos ajudaram-na e, aos poucos, ela começou a se erguer. A convite de

sua irmã Thereza, que lhe deu assistência, foi morar em Recife com os filhos. Surgiu a oportunidade de ser professora. Durante o dia, dava aulas, e à noite, fazia um curso na Escola Propagadora da Instrução Pública.

Pelo que expomos até agora, atesta-se que ela foi uma mulher comprometida com a Educação, a leitura e a escrita. Estes apontamentos biográficos, mesmo que sucintamente, são necessários para evidenciar aspectos da vida de Ana Nogueira que nos ajudam a pensar no seu contexto histórico e cultural. Sua educação esmerada e convivência familiar favorável ao mundo das letras nos levam a crer que facilitaram sua inserção na leitura, escrita, tradução e ensino.

Como também ocorreu com muitas mulheres contemporâneas a ela, nossa fomenageada encontrou na imprensa a via de acesso para expressão de suas ideias: “[...] a imprensa foi um forte veículo que ajudou a mulher na propagação do seu pensamento criativo, embora sob vigilância, o que era algo já naturalizado naquele contexto” (Pinheiro, 2021, p. 151). E nos jornais e revistas, mesmo que esparsamente, sua produção poética foi sendo conhecida e tornando-se o lugar onde suas ideias foram tecidas, anunciando sua existência como mulher que escrevia e que não estava sozinha, pois a plêiade da qual fazia parte agregava outras escritoras de igual estirpe, como, a saber: Emília Freitas, Francisca Clotilde, Alba Valdez, Carmem Dolores e Madame Chrysanthème, dentre outras.

Ana Nogueira Batista está entre as primeiras escritoras cearenses pertencentes à primeira geração de mulheres que se destacaram seja em verso ou em prosa. São elas: Ana Facó (1855-1926), Emília Freitas (1855-1908), Francisca Clotilde (1862-1935), Serafina Pontes (1850-1923), Úrsula Garcia (1864-1905) e Alba Valdez (1874-1962). Segundo Castro (2019, p. 112), Ana Nogueira Batista colaborou em Fortaleza com “[...] várias publicações locais, dentre elas: *O Libertador*, *Constituição*, *República*, *O Pão*, *O Domingo*, *O Reporter*, *A Evolução de Fortaleza*”. Ela pode ser lida em outros jornais, senão vejamos: “*O Rio Negro*, de Manaus; *A Província do Pará*, de Belém; *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro; e *Cidade de Campinas*, de São Paulo”, como declara Macedo (2014, p. 71). Também colaborou com o jornal *O Pão*, no qual escreveu dois poemas em 1896: “No templo” e “Vita Nuova”. Frequentou as reuniões e outras atividades organizadas pelo grupo de jovens rapazes, sendo ela “[...] a única mulher a publicar suas poesias no periódico *O Pão* e a participar das fornadas” (Castro, 2019, p. 116). Tal inserção nos leva a pensar que isso foi possível porque ela fora esposa de um dos membros da Padaria, já que não se registra no periódico o nome de outras mulheres.

Ana Nogueira Batista não somente transitou pelos jornais, mas percorreu também as páginas da revista *A Quinzena*, periódico do Clube Literário, que desenvolveu um período de

florescimento intelectual e literário no Ceará de 15 de janeiro de 1887 a 10 de junho de 1880, “[...] atuou, vigorosamente, no evoluir de nossas letras, tanto na prosa, como no verso” (Barreira, 1948, p. 119). Publicou igualmente em *A Quinzena* o soneto “Conselho”, em março de 1888, dedicado a Affonso, nos levando a cogitar que fosse seu irmão Affonso Nogueira Rabello, que morreu na Amazônia, em 1894. Os versos têm um tom de aconselhamento expressos por meio de verbos no imperativo, como “esquece o mal que te pungia”, “bebe o prazer, o vinho da alegria”, “canta também” e “foge o pranto”, apenas para exemplificar. Outro soneto publicado nessa mesma revista, “Teu Olhar”, em abril de 1888, expressa sua preferência “A’ tudo isto que o universo adora, / As rosas, lyrios, aves e aurora, / Prefiro a doce luz do teu olhar”. Barreira (1948, p. 121), em sua *História da Literatura Cearense*, registra os nomes das/os colaboradoras/es da revista; entre eles, o de Ana Nogueira:

N’ *A Quinzena* versejaram, abundantemente, muitos dos nossos poetas, uns já vindos de antes, outros, que aí se iniciaram, preparando-se para maiores conquistas no futuro: Juvenal Galeno, Justiniano de Serpa, Martinho Rodrigues, Rodolfo Teófilo, Francisca Clotilde, Antonio Sales, Virgílio Brígido, José Olímpio, José Martins, António e Álvaro Martins, Júlio Tabosa, Xavier de Castro, Ana Nogueira, etc. etc.

Contemporânea de Francisca Clotilde, por quem nutria amizade e para quem escreveu um poema homenageando-a no jornal *A Evolução*, em outubro de 1888, com o título “Homenagem” – “A’ F. CLOTILDE”, Ana Nogueira se revela como uma mulher de alma sensível e pensamentos coerentes. Outras revistas nas quais também deixou marcada sua criatividade literária foram *Almanaque do Ceará* e *O Lyrio*, de cuja fundação participou em 1902 juntamente com outras escritoras do Recife, colaborando até o último número, em novembro de 1903. Na seção “O Lyrio nas Escolas”, Ana Nogueira Batista foi parabenizada por sua distinção de mérito na Escola Normal. *O Lyrio* era uma revista mensal editada por mulheres e dirigida ao público feminino. Tornou-se um espaço de poder, órgão de divulgação das ideias emancipatórias femininas, de suas inteligências, lutas e ousadias. Teve ainda um viés político e social, pois era o lugar onde se desenvolviam epistemologias advindas de outras vozes também femininas que denunciavam a condição social da mulher.

Ana Nogueira Batista, além de ter sensibilidade poética, era exímia na tradução: “Traduzia Verlaine, a condessa de Noilles e Sully Prudhomme, entre outros textos publicados em jornais do Ceará e de outros estados. Foi premiada pela tradução de um soneto de François Coppée e seu poema ‘Ao amanhecer’ foi musicado por Alberto Nepomuceno” (Schumacher, 2000, p. 61). Esse poema foi publicado no jornal *A República* no dia 3 de agosto de 1892, afirma

Castro (2019), e oferecido a Adília de Albuquerque². De mais a mais, consoante Schumacher (2000, p. 24), nossa beletrista “[...] representou o Ceará no I Congresso Internacional Feminista, realizado em 1922 no Rio de Janeiro pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino”.

Uma vez apresentadas essas breves linhas sobre essa escritora talentosa, mergulhamos, na próxima seção, nos meandros de sua sensibilidade poética e em sua inequívoca genialidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A poética maviosa de Ana Nogueira Batista

Ana Nogueira Batista escreveu e publicou vários poemas memoráveis. Vemos sua versatilidade em temas como amor, natureza, tristeza e saudade como *leitmotiv* de sua poesia, por meio de vocábulos que conseguem expressar de forma lírica o amálgama perfeito entre palavra e imagem. Segundo Kayser (1985, p. 376), “[...] a linguagem lírica, como vimos, é a expressão de uma emoção em que se interpenetram objectividade e alma”. E certos vocábulos presentes na poesia de Ana Nogueira Batista comunicam ao leitor que o terreno a ser explorado é o da liricidade.

Queremos apresentar, como parte deste estudo e tal como proposto nas Considerações Iniciais deste artigo, a análise de três poemas dessa intelectual cearense que foi profícua e atuante em sua época, mas sobre quem pouco se estuda na atualidade. Trata-se de “Ao amanhecer”, publicado em 1892, no Jornal *A República*, e “Ao luar” e “Retrospecto” – reunidos por seus netos e bisnetos quando Ana Nogueira já completava 94 anos –, publicados no livro *Versos* pela Edigraf, no Rio de Janeiro, em 1964 (Castro, 2019, p. 118).

O primeiro deles, segue abaixo:

Ao Amanhecer

A Adília de Albuquerque

Cantai, cantai, alegres passarinhos!
Abri as asas pelo azul a fora;
Deixai os quentes ninhos
Que já brilha no céu a luz da aurora

Já não tarda surgir o sol radioso
Que vem tonificar com seus ardores
E encher de luz e gozo

² Educadora e escritora natural de Icó, que também ficou esquecida, como era de praxe na época, apesar de publicar na imprensa textos literários e artigos divulgando sua poesia e suas ideias centradas no feminismo, no direito e na liberdade de ser mulher (Nota da Autora).

A natureza e as orvalhadas flores

Deixai o vosso tépido agasalho
 Ó joviais e bons madrugadores
 Que às lides do trabalho
 São horas de chamar os lavradores!

Cantai, alegres aves matutinas
 Cantai hosanas à fulgente aurora
 E as formosas campinas
 Enchei de vossa música sonora

Amanhece de todo. Oh! Minha musa
 Solta o vôo também por esses ares
 E despe de reclusa
 O frio manto cheio de pesares

Vamos cantar! As sombras da tristeza
 Foram-se em frente ao matinal clarão
 E como a natureza
 Festivo me palpita o coração

O poema tem seis estrofes, cada uma com quatro versos com rimas em ABAB. Foi dedicado a Adília de Albuquerque, mulher de fortes ideais feministas e progressistas. O poema tem um tom idílico, de celebração à natureza e de chamamento festivo: “[...] cantai, alegres passarinhos!”. O verbo cantar se repete por cinco vezes, indicando um eu poético propenso às alegrias da vida, que em forma de hino, de canto, expressa hosanas à natureza. Há um convite para se deixar “os quentes ninhos” e alçar voos “por esses ares”, pois o dia já brilha e em movimento se encontra para “as lides do trabalho”.

O amanhecer acorda com uma “música sonora” do canto dos passarinhos com sua exortação para animar o dia e chamar as/os lavradoras/es para o trabalho. As aves matutinas ritualizam o amanhecer com notas de um canto alegre, capaz de afastar as tristezas e os pesares. Assim como festiva fica a natureza, também se encontra o coração do eu poético, palpitante pela luz da aurora e vivendo os afagos da natureza.

Outro poema de Ana Nogueira Batista que merece nossa atenção é “Ao luar”, que prima pela exposição intensa de seus sentimentos visitados pelo clarão da lua, com sua exuberante forma de enleio, magia e fantasias:

Ao luar

Eu não sei que tristeza indefinida
 Traz-me um luar assim... Ave erradia,
 em um misto de dor e de alegria,
 voa minh’alma em busca d’outra vida.

Parece que há no peito uma ferida
 Que sangra sem doer... e fria, fria

uma vaga e profunda nostalgia
vem me tocar a fibra mais dorida

não se define o que minh'alma invade
– Um sentimento estranho de saudade
que se exp'rimenta, mas não se traduz...

Saudade que embriaga, como vinho,
e que tem a doçura dum carinho
e a transparência desta branca luz!

Trata-se de um soneto com versos decassílabos, rimas entrelaçadas em ABBA/ABBA/CCD/EED. Os versos são sonoros, intercalados pelos fonemas /i/ e /s/, produzindo um som que expressa melancolia. Observando o estrato da palavra, vemos a enunciação do pronome pessoal, no primeiro verso – “Eu não sei” –, como traço estilístico que reforça seu uso. No que diz respeito aos adjetivos que caracterizam a tristeza e a saudade, fica perceptível a ideia contraditória, algumas antíteses, em versos como: “[...] uma ferida que sangra sem doer [...]” e “[...] Saudade que embriaga [...] e que tem doçura [...]”, expressando a complexidade dos sentimentos.

Verificamos a comparação na última estrofe, que revela a intensidade da saudade que embriaga como o vinho como recurso imagético. Ainda no campo do significante, chamamos atenção para as reticências que aparecem por quatro vezes, sugerindo o prolongamento do sentimento nostálgico que o eu poético experimenta. Também observamos a contextura linguística de alguns vocábulos grafados com o apóstrofo, na supressão das letras nas palavras “minha'alma”, “d'outra vida” e “exp'rimenta”.

Na camada do conteúdo, o motivo do poema é a saudade intensificada pelo luar, que ao mesmo tempo traz dor e alegria, sentimentos que se ligam mesmo sendo contrários. Talvez por isso, o eu poético tenha dificuldades de traduzir o que sente, pois fica embriagado e a alma à procura de outra vida. O poema fornece um impulso para os sentidos ao olhar o luar e ao paladar, na referência ao vinho. Há uma nítida presença de um momento antes da saudade, que fora provocada pela lua; sentimentos outros foram experimentados para que um depois pudesse ser sentido em forma de saudade.

A última estrofe nos mostra uma situação significativa pela presença da branca luz, que nos leva a pensar na transcendência, na alma que voa para outros espaços. Mesmo não fazendo uma referência direta, a noite tem uma vivência no poema, pois as sensações óticas e gustativas são experimentadas ao luar.

“Retrospecto” é o título de outro poema de Ana Nogueira Batista que nos põe numa circunstância de leitura diante da temática amorosa. Encontramos o eu poético motivado pelas lembranças do amor, uma vez que dedica o poema “Ao meu marido”. Leiamos:

Retrospecto

Eis-me a reler os versos maviosos
Que te inspirei naquela apaixonada
Fase de amor, serena, imaculada
Plena de sonhos, de ilusões, de gozos.

Releio-os um a um e mais formosos
Acho-os agora; na alma enamorada
Revive toda a quadra iluminada
Pelos clarões dos dias venturosos.

Releio tudo... e como por encanto
Ante os meus olhos úmidos de pranto
Vai-se animado todo meu passado...

E sinto ainda palpitar-me o seio,
E encontro o nosso amor, o nosso enleio
Em cada estrofe, em cada verso amado.

O soneto “Retrospecto” apresenta uma estrutura de rimas em ABBA/ABBA/CCD/EED, chamada de intercaladas e versos decassílabos. Na camada do significante, encontramos vocábulos que produzem sonoridades que se harmonizam entre os sons do /v/, na primeira estrofe, e do /s/, nas estrofes seguintes, de modo a embalar um canto saudoso daquilo que já se viveu. Há presença de metáforas nos versos “Revive toda a quadra iluminada / Pelos clarões dos dias venturosos” a indicar a fase do amor, um tempo ditoso vivido ao lado do amado e indicado pela luz nas palavras “iluminada” e “clarões”. A terceira estrofe sugere uma retomada das sensações, trazendo para o centro do soneto o encantamento, o enamoramento expresso no presente pelo verbo “releio”, e no passado, pelo verbo “revive”.

No âmbito do conteúdo, o soneto traz a temática amorosa, a lembrança da “Fase de amor, serena, imaculada”, vivida com seu amado. O primeiro verso marca a presença do eu poético ao dizer “eis-me”, lembrando os momentos de enleio ao ler os versos maviosos. Por três vezes, repete o verbo lembrar, ao que mostra a intensidade dos sentimentos, o encontro com o amor “Em cada estrofe, em cada verso amado”. Há um encontro com o tempo do amor, revivido em sua alma enamorada e repleta de sonhos, de ilusões e de gozos. A releitura de cada verso, um a um, transcorre como um ato amoroso a provocar desejos. Rer cada estrofe é uma forma de ter o amado perto de si, de vivenciar, por meios das leituras, os sentidos despertados no corpo ao sentir e ao ver, nos formosos versos, seu objeto de amor e sua fonte de afetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se olhar para o Nordeste brasileiro do século XIX e início do XX, pouco se ouvia falar sobre as produções de autoria feminina, embora houvesse mulheres escrevendo literariamente e publicando esse fazer literário em todas as regiões do Brasil, como soubemos mais tarde. Faziam-no por meio de jornais, revistas, periódicos e livros – e foram muitas as que se dedicaram a esse ofício; dentre elas: Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta, Auta de Souza, Emília Freitas, Edwiges de Sá Pereira e outras tantas que usaram sua escrita como potente instrumento de luta e de sobrevivência. Muitas vivenciaram o processo de apagamento histórico e literário, que aos poucos está sendo reparado por meio de projetos e de pesquisas que resgatam suas histórias para as novas gerações.

A escritora Ana Nogueira Batista – que teve em sua rotina a presença da poesia, sendo partícipe da Padaria Espiritual, interagindo com os poetas daquele movimento literário e escrevendo continuamente em diferentes órgãos de divulgação local e nacional –, foi obliterada pelas forças do patriarcado que ainda hoje dão sinais de existência. Tal forma de aniquilamento é um modo proposital de retirar a mulher do centro, tornando-a periférica no processo de construção literária e isso se reflete em termos práticos, no caso da escritora em análise, ao não encontrarmos seu nome nos manuais, nos livros didáticos, na historiografia. Não sendo citada nas formações, nas universidades e escolas, não tendo seus textos reeditados, destinar-se-ia para ela o olvido. É o plano ginecofóbico de uma estirpe de homens alimentados pela cultura falocêntrica que insiste em reprovar e anular toda a trajetória de vida pontuada pela Literatura – e na qual, as mulheres têm sido, o mais das vezes, obnubiladas por ameaçarem a frágil estrutura egóica de seus pares masculinos.

A poesia de Ana Nogueira Batista pertenceu à estética do romantismo. A idealização da natureza, a emblemática saudade e os doces lamentos mostram que a autora foi tomada pelo espectro do romantismo e se deixou ser conduzida pelos arroubos de uma escrita que se derrama ora em alegrias ora em tristezas. Seu lirismo tem tons exacerbados, como vimos no poema “Retrospecto”, mostrando seu enleio de forma apaixonada. Sua escrita não tem ares de rebeldia nem de inconformismos, mantendo-se numa linha de tradição à qual muitas mulheres permaneceram, escrevendo versos nostálgicos e aceitando sua condição sem apresentar questionamentos – a prova de quão elaborado eram os papéis atribuídos às mulheres sobre o que poderiam escrever.

O eu poético presente nos poemas de Ana Nogueira Batista tem um temperamento sereno e amoroso, seja em relação à natureza ou ao amado, tomado por sentimentos de tristeza,

saudade, nostalgia, amor e paixão. Cultivou também temáticas com nuances religiosas, como o poema “No templo”, dirigindo-se a Nossa Senhora, e eróticas, como “Sobre as Ondas”, em que se verifica um erotismo simbolizado pelos elementos da natureza. Esses e outros são escopos para outras análises em outros trabalhos acadêmicos.

Ana Nogueira Batista foi reconhecida em seu tempo como uma escritora produtiva, que movimentou as páginas dos jornais e revistas, mas que pouco a pouco foi tendo seu nome apagado da historiografia literária e de nossa própria história. Graças a estudos de resgate e a investigações científicas no âmbito da Literatura, seu nome vem sendo trazido à tona e hoje figura em pesquisas que foram e em outras que estão sendo construídas em torno de seu legado como beletриста e feminista. Essas investigações científicas/acadêmicas, o mais das vezes, reúnem mulheres de sua época e que participaram ativamente nos processos de transformação social, cada uma ao seu modo e nas suas condições, deixando suas marcas na História por meio de suas contribuições.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, S. *O Parnasianismo na poesia brasileira*. Fortaleza: Editora UFC/Edições UVA, 2004.

AZEVEDO, S. *A padaria espiritual e o simbolismo no Ceará*. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1996.

AZEVEDO, S. *Aspectos da literatura cearense*. Fortaleza: Edições UFC/Academia Cearense de Letras, 1982.

AZEVEDO, S. *Literatura cearense*. Fortaleza: Publicação da Academia Cearense de Letras, 1976.

BARREIRA, D. *História da literatura cearense*. Vol. 4. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1962.

BOSI, A. *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Editora 34, 2015.

CASTRO, C. Memoricídio: o apagamento da literatura de autoria feminina cearense do século XIX. In: Kleilton Sousa de Moraes (Org.). *Intelectuais, usos do passado e ensino de História*. Sobral: Sertão Cult, 2020, pp. 147-157.

CASTRO, C. *Resquícius de memórias: Dicionário bibliográfico de escritoras e ilustres cearenses do século XIX*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

COELHO, N. N. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. Rio de Janeiro: Escrituras Editora, 2002.

DAVIS, A. 1944 – *Mulheres, raça e classe*/Angela Davis. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. BASSANEZI, C. (Coord. de Textos). 7 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DEL PRIORE, M. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

GIRÃO, R.; SOUZA, M. da C. *Dicionário da Literatura Cearense*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado, 1987.

HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução: Bhuvi Libanio. 14 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KAYSER, W. *Análise e Interpretação da obra literária: introdução à ciência da literatura*. Arménio Amado: Editora Coimbra, 1985.

MACEDO, D. *A metáfora do sol: ensaios e reflexões: 1984-1989*. 5 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

MACHADO, G. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial; FUNARJ, 1991.

PINHEIRO, M. do S. *A leitura de poesia no ensino médio: Algumas Experiências*. In: KARLO-GOMES, G.; COSSON, R. (Orgs.). *A leitura literária na escola e na universidade*. (Série Escola e Universidade). Campinas: Mercado de Letras, 2021, pp. 109-122.

SCHUMAHER, S.; VITAL BRAZIL, E. (Orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil*. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

VALÉRIE, K. *Mulheres de Letras no Ceará (1880-1925): Dos escritos à cena pública*. *Rev. de Letras*, vol. 18, n. 2, jul.-dez., 1996, p. 102-110 Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/revistavol18.htm>. Acesso em: 18 dez. 2023.

XAVIER, E. *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.